

# Povos Indígenas no Brasil

Fonte: A Círculo

Class.: Juma 08

Data: 24.01.93

Pg.: \_\_\_\_\_

## Juma Um povo que morre

Orlando Farias

O ataque de uma onça pintada numa noite de lua cheia em janeiro do ano passado decretou a extinção da tribo Juma, a única no Brasil a falar o Tupi Guarani clássico e reduzida atualmente a dois casais de velhos e três meninas de oito, 10 e 12 anos. A onça atacou e matou o índio Karé, de 35 anos, o único em condição de reproduzir com as três meninas quando atingissem a puberdade. Localizada no rio Joary, afluente do Purus, no Amazonas, a tribo sofreu vários massacres de comerciantes desde 1964. No ano de 73 foram exterminados 32 Jumas correspondendo a 78% do total da sua população.

Envolvidos pelo fantasma da extinção que se aproxima a cada dia mais célere, a tribo desenvolveu nos últimos anos uma incrível forma de se reencontrar com seus parentes assassinados. Passou a criar pássaros de todos os tipos que acreditam terem incorporado os espíritos de seus entes queridos. As aves que os Jumas expressam mais devoção são as araras, jaburus, periquitos, japi-ins e o gavião rei, o pássaro que representa a resistência da tribo.

Desesperadas com a morte da etnia, as índias "Barú" e "Inté", as duas velhas da tribo, cumprem todas as noites um ritual de lamentos em que combinam choro e canto dramático pelo fim anunciado.

Descoberta — Uma luz no fim do túnel apareceu recentemente através de uma expedição organizada pelo Departamento de Índios Isolados da Funai que percorreu durante cinco meses um total de 3 mil km de vias fluviais na região do Purus. A principal descoberta da expedição foi a de que pode existir um foco isolado de índios Juma que se separou da tribo em 64 durante a "correria" imposta pelo tiroteio em suas malocas. Segundo o indigenista Adolpho Kesselring Júnior, 38 anos, há 15 trabalhando para resguardar o território de índios isolados nos Estados do Acre e Amazonas, segundo ele, as pistas apontam nesse rumo embora seja difícil ainda qualquer opinião mais conclusiva. Durante os cinco meses em que vasculhou pistas isolados no rio Purus, ele garante ter localizado relatos de sorveiros, seringueiros e coletores de castanha sobre a presença de índios semelhantes aos Jumas nas cabeceiras do rio Ipixuna.

BRs-364 e 230 — Interessada em proteger as áreas dos índios isolados na área de influência da BR-364 (Porto Velho-Acre) e BR-230 (Humaitá-Lábrea), a Funai anunciou essa semana em Manaus que decidiu enviar a mesma equipe do ano passado de volta ao rio Purus, com a missão de afastar invasores desses territórios e tentar resgatar a única esperança de salvar os Juma da extinção. Adolpho Kesselring, que parte esta semana para o rio Purus, garante que a postura hoje do indigenismo oficial é a de não intervenção nesses grupos étnicos aliada a uma conotação nitidamente preservacionista.



**F**ilho de indigenista e amigo íntimo de Chico Mendes durante sua longa permanência no Acre, Adolpho Kesselring é um obstinado. Em busca das pegadas dos índios isolados que vão sendo ameaçados pelas frentes de penetração nas áreas onde as rodovias rasgaram a floresta, ele vem convivendo há 15 anos permanentemente com o perigo. Já levou uma flechada que varou o seu braço direito e contraiu 25 malárias. Ouviu veladas advertências dos "coronéis" que continuam representando o poder nos beiradões de rio onde até hoje os mecanismos do Estado não chegaram. Nunca desistiu da missão porque sabe que a cada dia são menores as chances de sobrevivência de alguns povos como os Juma do rio Joary. Na foto de Normandy Litaif, Kesselring posa na rua dos Barés, no local onde existiam malocas dos índios Barés que depois de escorraçados de Manaus, foram habitar o Alto Rio Negro.(O.F.)

O raciocínio vale para os Juma, com uma única ressalva, segundo Kesselring. "É preciso recorrer a todos os meios disponíveis no momento para resgatar a dívida que a sociedade tem para com eles", sustenta. Ele próprio arregaçou as mangas no ano passado e plantou dois hectares de mandioca para fornecer alimentos aos índios. Divididos entre velhos e crianças, eles não tem forças para fazer suas cano-

as, plantar e até caçar em lugares distantes. Mesmo criticado por organizações não governamentais que o acusam de estar introduzindo processos econômicos alheios à cultura da tribo, Kesselring jura que não vai medir sacrifícios para localizar o suposto foco de índios Juma isolados e reuni-los debaixo da mesma maloca de seus parentes no rio Joary, salvando-os da extinção.

## Um vale antes bem povoado

O vale do Purus já foi no passado uma das regiões mais povoadas de índios da Amazônia. O relatório da expedição de Pedro Teixeira, em 1639, o primeiro navegador a explorar o rio, constata uma grande fartura de alimentos da região, principal atrativo para as dezenas de povos que o escolheram para habitat. "Tem muito peixe, tartaruga, abundância de milho e mandioca e todo o necessário (...)", registrou.

Em suas margens, o navegador identificou as tribos dos Cuchiguará (Purus em nhengatu), Cumavaru, Guaquiari, Cuyaiyane, Curucuru, Quantanfi, Mutuani e Curiguerê. Todas elas foram extintas ainda no período colonial. Os povos indígenas que habitavam afluentes do Purus e cabeceiras de igarapés passaram a ser caçados e subjugados como mão-de-obra escrava durante o período imperial, com mais intensidade durante o ciclo da borracha, a partir de 1870 mais ou menos.

Vítima de um massacre no início desse século, os Zuruahá buscaram no suicídio uma via para encontrar os seus parentes exterminados pelos brancos. A autoflagelação só foi controlada no início desse decênio mediante um longa terapêutica e sociológica entre a tribo realizada pelo Conselho Missionário Indigenista (Cimi) e coordenado por Gunter Kroemer, um alemão que trocou há mais de 15 anos a nobreza alemã, da qual faz parte, pelo trabalho com os Zuruahá.

Atualmente, existem 3 mil índios no médio Purus, dos quais 1,5 mil são formados por Apurinãs, a nação mais consciente de seus direitos. Por causa disso, são os mais temidos. Invariavelmente os invasores são expulsos todas vez que flagrados coletando castanha, seringa ou sorva na reserva. A outra metade é formada por índios Jamandí, Pauriari, Deni e Zuruahá, conforme o estudo Cuxiara, o Purus dos Índios (ed. Loyola), que não incluiu dados de índios isolados.

No final do século XX o usufruto das terras dos índios, consagrado em lei para garantir seus direitos, continua no Purus exclusivo sob o domínio dos seringalistas e dos colonos trazidos pelas rodovias 364 e Transamazônica. Parte dos territórios indígenas não conseguiu se livrar também da voraz grilagem da madeira. Manaus (Madeira Nacional SA) e faz parte do que se transfogelaciona só foi controlada no início desse decênio mediante um longa terapêutica e sociológica entre a tribo realizada pelo Conselho Missionário Indigenista (Cimi) e coordenado por Gunter Kroemer, um alemão que trocou há mais de 15 anos a nobreza alemã, da qual faz parte, pelo trabalho com os Zuruahá.